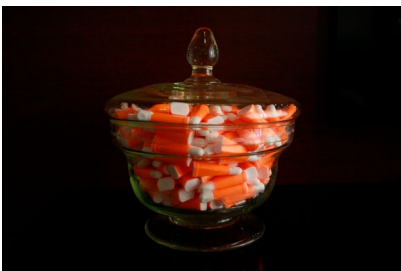
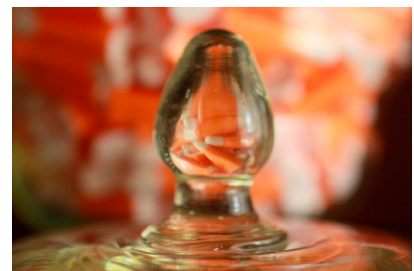


**DOI**  
dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2020.162789

# OBJETOS CHUCROS

**ORCID**  
orcid.org/0000-0002-1618-6239

**GESLLINE GIOVANA BRAGA**  
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil, 85919-899  
ufprposgeografia@gmail.com



Na minha família materna, a elevação dos índices glicêmicos chega junto com a maturidade. Nas casas sempre existiram recipientes para objetos aleatórios. Estes receptáculos transformavam-se em lugar para objetos desarranjados por serem considerado bonitos demais para o uso cotidiano. O excesso de beleza os enchia de coisas sem utilidade e sem lugar. Os hábitos de não jogar nada fora, por tudo ser considerado útil mais tarde, combinado ao fato de que objetos requintados devem ser usados só em situações especiais são da mesma natureza: o apego.

Curiosamente, os açucareiros e os cachepôs são os principais escolhidos para o desuso. Não porque o uso de açúcar era restrito, mas porque o café já vinha adoçado e os doces nunca eram guardados. Café sem açúcar era chamado de “chucro”, como os cavalos indóceis, sem doma.

Minha filha Aurora tornou-se diabética aos 8 anos. Logo no primeiro mês, vi-me com recipientes cheios dos dejetos dos insumos que deveriam ser descartados em lixo hospitalar. Assim, arranjei recipientes de família destinados aos doces junto aos restos dos medicamentos usados para a doença da “urina doce”, refletindo sobre a indústria farmacêutica, consumo de açúcar, memória e hereditariedade. E propondo questões à antropologia da saúde e da alimentação, dos objetos e dos afetos, do consumo de medicamentos e açúcar, por meio de uma autoetnografia que diz sobre a realidade de milhões de doentes que têm seu cotidiano condicionado ao controle glicêmico com aparelhos e medicamentos injetáveis. Os textos fazem parte das obras. Apesar de ser uma doença que condiciona a vida do doente em torno da medicamentação, e da falta de controle levar a outras doenças, como cegueira, insuficiência dos rins e amputação de membros, no senso comum, as representações em torno do doente versam sobre as lástimas de não consumir açúcar.

Diabetes não tem doma. Segundo a Organização Mundial da Saúde são 16 milhões de diabéticos no Brasil, e os gastos com insumos no sistema público de saúde duplicarão até 2030. A doença é considerada uma epidemia mundial e o Brasil ocupa o 4º lugar em casos, atrás da China, da Índia e dos Estados Unidos. Em 2008, a indústria de alimentos assinou um acordo com o governo brasileiro para reduzir o açúcar em alimentos processados até 2020, principalmente os infantis, com o objetivo de controlar a obesidade e o diabetes.



FIGURA 1  
Açucareiro,  
pertencente a  
um conjunto de  
xicarazinhas  
de café,  
comemorativo  
das bodas de  
prata de meus  
avós maternos  
em 1975,  
nunca usado.  
Permaneceu  
durante 43 anos  
na cristaleira  
da sala.



FIGURA 2  
Cartuchos com  
seis agulhas  
para exames  
de glicemia.



FIGURA 3  
Açucareiro (?)  
pertencente a  
um conjunto  
de porcelana  
chinesa de banho,  
composto por jarro  
e saboneteira.  
Contam que tinha  
também uma  
bacia. Pertencente  
a minha bisavó  
paterna. Com  
mais de cem anos,  
desde os anos  
1970 as peças são  
a única herança  
de família, o único  
objeto guardado.



FIGURA 4  
Mil cento e  
duas agulhas  
utilizadas para  
aplicar insulina.  
São usadas  
em média seis  
agulhas ao dia.



FIGURA 5  
Açucareiro de  
um conjunto de  
café, presente de  
casamento dos  
meus pais, em  
1974. O conjunto  
é usado apenas  
em aniversários.



FIGURA 6  
Libres. Sensores  
que permanecem  
instalados nos  
braços durante  
quinze dias,  
para o controle  
da glicemia





FIGURA 7  
Compoteira  
da minha avó  
materna. Recordo-  
me de um único  
uso, em ocasião  
especial, para  
colocar pêssegos  
em calda.



FIGURA 8  
Mil lancetas para perfurar os dedos para o controle da glicemia. Estas lancetas, de uso único, são distribuídas pelo SUS e deixam os dedos roxos. São distribuídas duzentas agulhas por mês, para em média seis perfurações diárias.



FIGURA 9  
Lata para  
armazenar cinco  
quilos de açúcar,  
da casa da minha  
avó paterna.  
A lata também  
era usada como  
assento de  
elevação para  
as crianças  
sentarem à mesa.



FIGURA 10  
Aplicadores de  
sensores para  
medir glicose.  
Utilizados a cada  
quinze dias.

## RESUMO

O ensaio fotográfico *Objetos chucros* reúne restos de insumos de uso de insulina para o controle de diabetes com objetos familiares, propondo discussões sobre consumo de medicamentos e açúcar, memória e objetos e diálogos entre a arte contemporânea e a antropologia.

### CHAVE

Diabetes; objetos;  
consumo; açúcar;  
medicamentos.

## ABSTRACT

The photographic essay *Chucros Objects* gathers some remains of insulin use to control diabetes with familiar objects, proposing discussions about medicines and sugar consumption, memory and objects, and dialogues between contemporary art and anthropology.

### KEYWORDS

Diabetes; objects;  
consumption;  
sugar; medicines.

**GESLLINE GIOVANA BRAGA** é graduada em Comunicação Social (UTP) e Sociologia (Unip), com especialização em Fotografia. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Realiza estágio pós-doutoral em Geografia Cultural na UFPR. É fotógrafa e realizadora de documentários etnográficos. E-mail: geslline@gmail.com

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 30/09/2019

Aprovado em: 31/10/2019